

Pelas trilhas do indecifrável da comunicabilidade

CIRO MARCONDES FILHO¹

A DESCOBERTA DA EPISTEMOLOGIA, O INTERESSE PELA COMUNICAÇÃO

A vida se constrói aos tropeços. Eu não escolho o que eu quero, nem meu futuro, nem minhas inquietações, eles cruzam meu caminho. Como dizia Klages, com seu conceito de *Widerfahrnis*, eu não realizo nada mas participo de um mundo onde as coisas acontecem e me atravessam. Pois assim me vi conduzido à comunicação, sendo atravessado por coisas e fatos que me desestabilizaram, que me provocaram, que me tiraram da paz...

Comunicação não é qualquer coisa, me disseram os fatos, não é qualquer ocorrência ou qualquer manifestação. Passamos pelo mundo sofrendo a ação de incontáveis sinais, os feixes de luz, som, energias e intensidades. Nem todos nos incomodam, nem todos nos despertam, passamos bem sem eles. Mas o fascínio da vida está exatamente nas coisas que nos desarranjam, que nos retiram da indiferença, que nos obrigam a pensar e a rever nossas posições. Na comunicação.

Assim como na teoria, na vida prática os feixes atravessaram este objeto, o meu corpo, para fazerem notar que, afinal de contas, comunicação é um episódio incomum, especial, um tranco produzido pela contingência do próprio existir. Somos, enquanto objetos, abalados continuamente por outros seres que nos observam, “nos fotografam”, como dizia Bergson, pois, afinal de contas, tudo percepçiona...

1. Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, autor de mais de 40 livros de Comunicação, curador da coleção “Filosofia da Comunicação” (Ed. Paulus), coordenador do FiloCom (ECA/USP), detentor da Cátedra UNESCO José Reis de Divulgação Científica.

Como alguém se torna um estudioso de comunicação? Talvez pela vontade conhecer as artimanhas do poder, os expedientes de manipulação, a ação subterrânea dos poderosos. Mas talvez, também, objetivo bem mais modesto, movido pela angústia, pela frustração, pela necessidade iminente de se diluir num conjunto maior em que os demais possam visitar sua interioridade, conhecer um pouco de suas perplexidades. De qualquer forma, por não tolerar a violência ou a indiferença do outro e fazer algo para provocá-lo...

No colegial eu alimentava um sonho de ser jornalista, viajar pelo mundo, conhecer outras realidades, saber das coisas antes dos demais... Sonhava algo mágico ao mesmo tempo solidário com aqueles que precisavam de ajuda. Eram anos 1960, a política estava em todos os encontros, em todas as conversas, falava-se da revolução brasileira... Um gigante espreguiçava-se e esboçava mexer-se finalmente... Quando assumi o jornal mural no colégio, achava que poderia “ilustrar” meus coleguinhas trazendo Millôr, Eliachar, algumas poesias, coisas incomuns para a maioria. O jornalismo me fez liquidar de vez com a ideia de fazer arquitetura para imergir num mundo desconhecido mas ao mesmo tempo empolgante de fazer repercutir ideias.

A ECA, na minha época, decepcionou meus sonhos. Não me parecia séria. Jamais iria encontrar lá a discussão que me arrastava, o estudo da comunicação. Vamos para a filosofia. Na Fefelech me invadiu, pela primeira vez, a percepção do que é uma universidade, do que é um estudo sério, uma disciplina no ler e no escrever. Eu era cobrado. Eu não poderia produzir qualquer coisa. Autodidaticamente aprofundei-me na filosofia da época: a dialética, Goldmann, Kosik, Nietzsche, Gorz, Lukács, Marx...

Mas o Brasil não colaborava. Herzog foi assassinado, o clima sinistro do período Médici nos transformava a todos em masoquistas acovardados. Vamos para a Alemanha, quem sabe investigar lá as formas de continuar a luta por aqui: pesquisar a contracomunicação. Não obstante, esse era um objeto datado, que operava com discursos (politicamente) sufocados. O que havia de mais recente era o movimento das rádios livres na Europa e o surgimento das TVs a cabo, uma promessa que ainda estava muito longe do cenário brasileiro. A orientação de pesquisa que me ocupava acabou por subexplorar um diálogo com Dieter Prokop, meu orientador, que, períodos depois, me teria sido mais produtivo: a questão do fascínio e do tédio na comunicação de massa, a engenharia de produzir imersão do telespectador ou de sua total apatia através dos meios.

O Brasil dos anos 1980 já era outro mas eu estava fora de compasso: estudava ideologias, violência política, psicanálise da comunicação quando o que era de real importância, para a época, estava em outro lugar. O mundo não gira conforme nossa determinação. Eu precisava ir atrás da mudança. Umberto Eco já o havia anunciado: as teorias da comunicação estão em ruínas. É preciso repensá-las ou estudar seriamente essa coisa chamada “comunicação”. O primeiro sinal viria de um orientando meu, Arim Soares do Bem, que, influenciado por Prokop e Wolfgang Haug, que eu havia trazido ao Brasil, se interessou em estudar etnograficamente a ocorrência da comunicação (das telenovelas) em empregadas domésticas, assistindo suas emanções espontâneas, capítulo após capítulo. Ele inaugurava o metáporo sem o saber.

O final dos anos 1980 foi também o da crise das ideologias. O Fim do Muro e a emergência do discurso pós-moderno viraram a mesa dos estudiosos da comunicação. Estava instalada a crise. Os paradigmas não servem mais. A velha dualidade burguesia/proletariado, esquerda/direita, reacionários/progressistas perdia sentido. Tínhamos que abrir mão das dualidades metafísicas que tanto povoaram o pensamento marxista e as estratégias de ação. O mundo era outro. Agora a tecnologia avançava. Estávamos em outro barco.

Era preciso uma nova teoria da comunicação. Esquecer o modelo dominante/dominado, as velhas rixas ideológicas, pois a computação generalizada, a digitalização, a expansão do virtual, a popularização da internet haviam criado um novo planeta. Tábula rasa na academia. Os velhos pensadores se aposentaram. O NTC, criado para pensar as novas tecnologias, começou a desencadear discussões sucessivas em torno dos novos temas. Eram chamados especialistas, pensadores independentes, gente de fora do circuito convencional para dialogar com a equipe. Mas o que aqui, de fato, interessa era o *como* as coisas eram discutidas...

Se Arim tinha feito, mesmo que inconsciente, uma provocação para mudança das metodologias para pesquisar a comunicação, outros estudantes instigaram novas ideias na direção de esquadrinhamento do fenômeno da comunicação. Isso porque, desde sua origem, no início do século 20, a comunicação (de massa mas também a interpessoal) foi detectada como um das grandes temas da política, da sociologia, da psiquiatria, da antropologia, mas era, sempre foi, uma entidade obscura, filha bastarda das ciências sociais mais ou menos perplexas diante da nova realidade

medial. Comunicação? O que é isso? Discutia-se sua influência, seus efeitos, seu caráter violento e virulento mas a própria coisa era tomada como óbvia, dispensando ser definida. Terra de ninguém.

Ora, um campo científico não progride se seu objeto permanecer assim: indefinido, difuso, indeterminado. Outro episódio que nos atravessou fez expressivas indicações do que se tratava quando se falava em comunicação. Numa das pausas para o café, na ECA, por volta do final da década de 1980, Jair Marcatti e Wilson Vieira, meus orientandos na época, discutiam comigo algum conceito de comunicação quando, de repente e desavisadamente, fruto da evolução de nossa discussão e de nosso tema, uma nova ideia aparece, uma luz, um insight brilhante se coloca, um verdadeiro tranco em nossa trivialidade. Esse pequeno incidente foi, para mim, como a iluminação, um acontecimento que me fez ver que o novo surge daí, desse encontro inesperado e não programado, desse jogo de falas e de contribuições que, em espiral, produzem o novo, aquilo que não estava na cabeça de ninguém mas que se impunha a nós. Um ato comunicacional.

Começou-se a trabalhar intensamente essa ideia. Foram realizados workshops com coletivos de 5 a 8 pessoas, que se dispunham a discutir livremente um tema, sem preparação anterior, sem hierarquias, sem qualquer intenção de ensinar ou de fazer prevalecer a opinião. O material, uma vez editado, era impresso e enviado gratuitamente a colegas de todo o país. Iniciava-se a prática de oficina para dar condições para o surgimento de insights, novas ideias, proposições criativas. O livro *Pensar-Pulsar*, de 1996, foi escrito a oito mãos, seguindo esse princípio.

Mas a caminhada atrás dessa luminosidade ainda opaca teria outros vieses. O NTC, apesar da alta produtividade, da reunião de cabeças pensantes que depois de tornaram referências no país, ia ao encontro das próprias novidades tecnológicas e a discussão de sua interferência na qualidade do processo comunicacional estava ficando em segundo plano. Perigo à vista. Estava também se tornando uma máquina com filiais em vários estados brasileiros e com sérias tendências à burocratização e ao assassinato da criatividade intelectual. É quando meu estágio na França me leva a outras trilhas. Releio o que os franceses estão pensando da comunicação, dialogo com colegas, e me deparo com uma forte influência do Colégio Invisível, trazida para lá por Yves Winkin. Ocorre todo um reposicionamento das teorias. Bateson acha que tudo é comunicação,

que não dá para não comunicar e eu trago essa discussão para o Brasil, reformulando-a: o que ele quer dizer com *comunicar* é o que nós aqui chamamos de *signalizar*.

Na França, nossa tentativa é a de pensar num novo modelo de *apresentar* a comunicação. O texto *Viagem na irrealidade da comunicação*, lá produzido e nunca publicado em sua íntegra no Brasil, vai propor que se estude a comunicação com recursos que incluem a ficção, a explicação básica e o aprofundamento teórico. Três planos expondo o mesmo tema: o que é isso que as pessoas chamam de comunicação?

A intriga permanece no Brasil. Dissolve-se o NTC e se cria o FiloCom, em 2000. É preciso voltar à reflexão de fundo sobre o conceito de comunicação. Em 2004, um livreto provocativo se perguntava *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?*, pois uma questão, originalmente partida de Górgias, encontra seguidores respeitados como um Niklas Luhmann, que fala que a comunicação é algo muito improvável.

Esta afirmação põe em xeque toda uma cultura acadêmica que estava apoiada na obviedade do comunicar. Se eu tenho um telefone, um jornal, se eu faço um filme ou uma peça de televisão, ora, eu comunico... Mas não. Chegou-se à constatação que a maioria desses procedimentos apenas mantém o que já existe, confirma, assegura, oficializa. Nada muda. Os meios de comunicação são máquinas de confirmação do existente, formas de propagar em escalas fantásticas o mesmo, o sempre igual. Monólogo coletivo, como diz Anders.

Primeiro resultado de nossos empenhos: quebrar um paradigma estabelecido, segundo o qual (1) há sempre comunicação e (2) ela é tanto consequente quanto inconsequente. Era preciso, adicionalmente, separar dois conceitos que se misturavam mas que, em realidade, realizavam funções absolutamente opostas: o informar e o comunicar. Informar-se passa a ser visto como um ato de conservação. Eu preciso tomar conhecimento das coisas que acontecem ao meu redor e no mundo muito além de mim para me precaver. Mas também para agir, para defender minhas ideias, para me articular com mais bases. Informar-se é reforçar-se. Assegurar o que tenho e o que penso. Quanto à comunicação, lhe resta o oposto: aquilo que rompe, que quebra, que altera. É a pesquisa de Arim, é o efeito do diálogo com Jair e Wilson, é o choque de afirmações do tipo: “a comunicação é um evento raro”.

O ano de 2008 foi emblemático. Tanto interna quanto externamente às nossas pesquisas. No interior do Núcleo de Pesquisa realizaram-se os seminários que iriam fechar, pelo menos provisoriamente, a questão do conceito de comunicação e de seu procedimento de pesquisa. A disciplina “A comunicação, o acontecimento e o sentido” amarrou as três categorias do processo comunicacional – sinalizar, informar, comunicar – numa armação lógico-conceitual tornando-se, talvez, a primeira proposição unificadora dos termos na área de Comunicação (aqui como lá fora). Em discussão com Marco Bastos encontrou-se aquele que seria o termo para caracterizar o momento (social) da comunicabilidade: o contínuo mediático atmosférico. A outra disciplina, “Koinós, metáporo e Alice” chegou à exposição do metáporo ou quase-método, fruto de outro produtivo diálogo, dessa vez com Danielle Naves de Oliveira.

Mas foi externamente, no diálogo com colegas pesquisadores de pós-graduação de todo o país, no V InterProgramas da Compós, que foi colocado publicamente o grande desafio, o de que, “até hoje ainda não começamos a estudar a comunicação neste país”. Daí para frente, a empreitada do FiloCom caminhou para o corpo a corpo com colegas de todo o Brasil para discutir sua proposta e interferir nos rumos da Área. O encontro “10 Anos do FiloCom: a Nova Teoria nos 44 Anos de ECA”, de 2010, convidou importantes pensadores nacionais para debater a proposta recém concluída e até hoje a participação de estudiosos do FiloCom mantém presença nos encontros acadêmicos para continuar o debate e expandir seus resultados acadêmicos e intelectuais.

AS INFLUÊNCIAS INTELLECTUAIS, SITUAÇÃO DE VIDA, LINHA DO TEMPO.

Fui objeto de uma primeira revolução teórica em meados dos anos 1960 – época das “reformas de base”, das lutas sindicais, do congresso proibido da UNE – como uma espécie de revelação profana, tipo de epifania leiga em que, pela primeira vez, o mundo se mostrava como diferente do que havia sido ensinado nas escolas e na televisão. Havia outras explicações, uma realidade distinta que precisaria ser inteiramente relida, agora com o olhar crítico da política. O mundo inverteu-se totalmente após essa revelação. Foi como adentrar um novo mundo.

Na época, circulava o Manifesto Comunista, pululavam sinais da revolução social brasileira que estaria sendo engendrada de Norte a Sul.

A sedução da transgressão era incontrolável. Durante anos, não se falava de outra coisa. Em seguida, na universidade, 1968, o primeiro objeto de investimento foram os livros de filosofia, particularmente o materialismo dialético, o estruturalismo genético. Este último exercendo sobre mim um fascínio tanto pelo brilhantismo das constatações como pela sedução linguística. Uma paixão que se estendeu por anos. A isso se juntava a leitura acadêmica compulsória do movimento estudantil, consolidada das bíblias *O capital*, *As teses sobre Feuerbach*, a onda althusseriana e Gramsci.

A ocasião do mestrado, 1973, coincide com o agravamento da repressão e da censura. Parafraseando Brecht, “falava-se de árvores para silenciar tantas barbaridades”. Ou, então, estudavam-se períodos longínquos, como a obra de Lima Barreto na virada para o século 20, meu trabalho de mestrado. O enfoque teórico agora era a estética sociológica apoiada em Hegel, Lukács, Wölfflin e os autores materialistas.

O fato de ter ido fazer doutoramento em Frankfurt levou a que eu fosse enquadrado nas classificações acadêmicas como um “frankfurtiano”, o que dificilmente pode ser afirmado dos meus textos. Certamente, as primeiras traduções de textos jornalísticos incluíam a *Mudança estrutural da esfera pública* mas apenas o capítulo relativo ao surgimento da imprensa. O fato de ter traduzido, publicado e trazido ao Brasil o pensador Dieter Prokop mistura-se com a promoção da obra de Wolfgang Haug e diversos outros autores alemães sem identificação com Adorno e Horkheimer.

Fato é que na década de 1980 iniciou-se uma forte convergência para a produção teórica francesa, especialmente Georges Bataille, Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze e Jacques Derrida. Trouxe ao Brasil, nessa época, Jean Baudrillard, Marc Guillaume, Tibon-Cornillot, Lucien Sfez, buscando a abertura do leque teórico e crítico na área de comunicação.

A pesquisa para a constituição da Nova Teoria da Comunicação levou à ampliação extensiva desse leque, investindo desta vez no estudo dos antigos (especialmente Heráclito, os estoicos), da fenomenologia (Husserl, Merleau-Ponty, Lyotard, Levinas) e do bergsonismo. Das fontes alemãs, foi ampliada a leitura e o uso de Martin Heidegger, Martin Buber, Ludwig Klages, Alfred Lorenzer, e daqueles que denominei “nova crítica alemã”, a saber, Anders, Flusser, Kamper, Kittler, além também de Frank Hartmann.

Mas as coisas não pararam por aí. As andanças pela pesquisa cibernética norte-americana apontaram os vetores de um novo olhar para a comunicação,

distinto da primeira geração de Wiener e Shannon, tendo descortinado duas correntes muito importantes para a constituição de uma teoria da comunicação, no interior do que chamei de Círculo Cibernético: a de Heinz von Foerster e Humberto Maturana, de um lado, e a de Gregory Bateson, de outro. Na primeira, a afirmação contundente de que não existe comunicação, nada pode ser comunicado, já que cada lado possui uma estruturação própria de decodificação de sinais e um insondável aproveitamento dos mesmos. Na segunda, a negação da proposição de “sistemas fechados” e a rejeição às formas “digitais” da comunicabilidade ao se afirmar que a comunicação, enquanto jogo, só se realiza amplamente através dos usos analógicos.

A Nova Teoria da Comunicação, assim, não está organicamente encaixada em nenhuma das opções epistemológicas correntes. Aposta, como Bergson e Whitehead, no contínuo movimento dos seres e das coisas e na indeterminação como princípio. Não se assenta nem se consolida mas incorpora continuamente novas possibilidades e movimentos. Rejeita velhas fórmulas e posições cristalizadas, apostando na importância do extralinguístico, do “entre-dois”, da insubstancialidade tanto da comunicação como da informação. Inspirando-se na metáfora do jato d’água, que, em si, não tem consistência alguma mas em sua aparição fenomenal demonstra ter existência real, aposta na imanência e na contingência. Tudo acontece e é investigado “no durante”.

Acredita que comunicação é um acontecimento, isto é, uma quebra sutil, um sinal discreto de que algo mudou a partir do envolvimento com – e da abertura para – a alteridade, que, em verdade, a constitui. O problema das outras áreas do conhecimento que se pretenderam comunicacionais foi o de perder esse momento sutil, essa passagem sensível que, em outras palavras, efetua a produção de sentido.

O DIÁLOGO COM A PRODUÇÃO BRASILEIRA

O primeiro grande debate sobre a proposta epistemológica do FiloCom ocorreu em 2010 com o evento “Dez Anos FiloCom: A Nova Teoria nos 44 Anos de ECA”. Importantes pensadores brasileiros foram chamados para criticar, apontar insuficiências, avanços ou retrocessos na proposta comunicacional apresentada: Maria Immacolata Vassalo Lopes, Juremir Machado da Silva, Eugênio Trivinho, Rose Rocha, Jairo Ferreira, Luiz Martino, Paula Sibilía, Liv Sovik, Mayra Gomes, Gustavo Castro e Silva, entre outros.

Posteriormente, membros do FiloCom compareceram com regularidade aos encontros da Compós (Porto Alegre, Juiz de Fora, Salvador, Belém) continuando a repercutir os impactos da proposta ontológica e epistemológica do Princípio da Razão Durante. Da mesma forma, as publicações como ensaios ou livros comprovam a precedência do debate permanente e da busca interminável de correções.

O FiloCom sugeriu, em 2011, a constituição da Rede Nacional de Grupos de Pesquisa em Comunicação, órgão cuja finalidade não é a de promover grandes congressos ou seminários, com exposições gerais e caráter basicamente informativo. Operando pelo sentido inverso, o do apoio ao pesquisador ou ao estudioso iniciante, a iniciativa foi a de agregar diferentes grupos do país e promover o debate dentro do ideário da própria comunicação, a saber, abertura geral para a discussão, para a troca de experiências de pesquisa, para o conhecimento recíproco de objetos e dificuldades de realização, esperando, a partir daí, a emergência de insights e novas proposições.

Em 2014, propôs-se a Quinta Essencial, oportunidade em que estudiosos de epistemologia se reuniram durante cinco sessões de 4 horas para expor suas inquietações atuais e debater com os demais, ao estilo dos workshops acadêmicos. A experiência retoma a ideia dos encontros do *Atrator estranho*, do NTC, onde a crítica livre pôde produzir resultados qualitativos expressivos. O primeiro encontro, realizado na Faculdade Cásper Líbero e presidido pelo prof. Luís Mauro Sá Martino, reuniu os pesquisadores da epistemologia da comunicação Lucrécia D'Aléssio Ferrara, Norval Baitello Jr., José Luiz Braga, Muniz Sodré e eu. Os resultados foram tão marcantes e importantes que o encontro, que deveria ser único, deverá ser repetido em 2015.

O TRABALHO ATUAL

Sente-se que a Comunidade Acadêmica encarou como razoável a proposta de tradução do conceito de comunicação como o jogo entre os termos sinalização, informação e comunicação. Há ainda a necessidade de maior investimento nos processos não presenciais de comunicação, especialmente um reforço nas pesquisas e nos debates em torno do contínuo mediático atmosférico, como espaço equivalente à atmosfera (da interação) presencial, indispensável à comunicabilidade.

O calcanhar de Aquiles continua a ser o procedimento de pesquisa que, como apontado acima, busca distanciar-se da visão de águia das leituras sociológicas, bem como dos trabalhos interpretativos, que vão desde as bastante discutíveis análises de conteúdo até as proposições de leitura semiótica do objeto, passando pela abordagem hermenêutica e psicanalítica. Basicamente aceita-se a atual postura especialmente norte-americana na área, que busca atuar num campo pós-semiótico, pós-linguístico e pós-psicanalítico.

Sabe-se que a comunicação tem um *timing* para acontecer. Em qualquer processo comunicacional, seja presencial, eletrônico ou por irradiação, a comunicação ocorre sempre no lado daquele que dela frui, seja como participante de um evento artístico, de uma ficção ou de uma narrativa jornalística. Não vem ao caso as intenções de quem produz a matéria potencialmente comunicativa; tampouco, o que sucede após a incorporação do novo que acompanha o objeto comunicacional. O primeiro diz respeito à política, às intenções de sedução, manipulação e de controle. O segundo, às mediações, a saber, os feitos sociológicos maiores vinculados à experiência comunicacional.

Nosso ponto é o momento sutil, o ponto de virada, o lance em que algo que quebra, se rompe, se altera e cria uma reordenação de sentido. Para isso, a investigação atual está centrando seu foco nesse click mágico, observando, como os colegas norte-americanos e franceses dialogam com esse momento, o *punctum* da comunicabilidade, que nós, no Brasil, continuamos, da mesma forma, a investigar e a aprimorar nas pesquisas da pós-graduação, dos próprios membros do Núcleo e dos interessados em caminhar por esse terreno inóspito dos acontecimentos indecifráveis.

Neste momento, por fim, acredita-se ter encontrado o caminho que irá consolidar a validade “científica” da proposta metapórica, visto que se chegou à constatação de que os relatos de pesquisa vivenciais – o verdadeiro filé mignon da proposta – divorciam-se das meras opiniões a partir do momento em que o pesquisador dê o salto para a construção de conceitos que o distanciarão das abordagens precárias, pessoais e subjetivas.